

IMPAR

INSTITUTO MANTIQUEIRA
DE PSICOLOGIA ARQUETÍPICA

**As Palavras do Ano que Vem:
Márquez, Eliot e a Carpintaria da Alma**

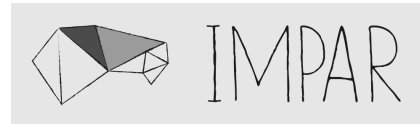
Farley Valentim

Apresentado no 11º Encontro dos Amigos da Psicologia Arquetípica

São Francisco Xavier, 25-27 de agosto de 2023

Publicado online em 21 de outubro de 2023

www.institutoimpar.com.br



As Palavras do Ano que Vem: Márquez, Eliot e a Carpintaria da Alma

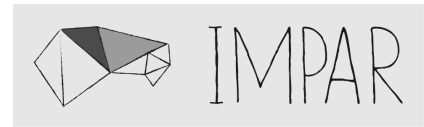
Farley Valentim

Antes de tudo, eu gostaria de começar pelo título da minha apresentação e pela sua relação com o tema do nosso encontro: *Ferramentas*. O título original da fala é: *As Palavras do Ano que Vem: Márquez, Eliot e a Carpintaria da alma*. Porém, aqui não farei análises da obra de nenhum dos dois autores. Eles servirão unicamente como provocações que me permitirão chegar ao tema pretendido, a Carpintaria da Alma.

Permita-me, então, iniciar contando uma história sobre o primeiro dos nossos autores. Gabriel García Márquez, durante uma entrevista, cita uma de suas obras chamada *Crônica de uma Morte Anunciada*. A respeito desta, comenta sobre a frase que inicia o romance:

No dia em que iam matá-lo, Santiago Nasar levantou-se às 05h30m da manhã para esperar o barco em que chegava o bispo.

A frase anuncia em si a razão do título da obra, *Crônica de uma Morte Anunciada*, a história de uma morte que se anuncia. O romance mostra sua face logo na abertura do livro, como o título promete, nos dizendo que o protagonista, Santiago Nasar, irá morrer. Ao final do livro, como última frase, ele morre. Veja que não há mistérios, *plot twists*, tramas muito bem enredadas para esconder do leitor aquilo que acontecerá no final do livro. O desenrolar final da história, a morte do protagonista, fica claro logo na primeira linha. A própria noção tão contemporânea de *spoiler*, perde o seu sentido.



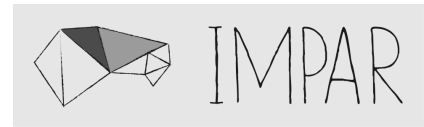
Na entrevista, o autor resgata essa obra para nos dizer que aquilo que ocorre entre o início do livro e o seu final, ou seja, entre a anunciação da morte do protagonista e a morte propriamente dita é a carpintaria do livro; é propriamente a literatura. A afirmação de Márquez ecoa outra frase dita por Vargas Llosa, a de que o que torna um livro um grande livro, não é a história que ele conta, mas como a história é contada. A literatura não estaria, portanto, nos fatos que compõem a história, mas em como esses fatos são narrados.

A colocação do autor, embora direcionada à literatura, guarda em si um primor psicológico, pois assim como na literatura, na clínica psicológica, importa, bem mais do que o fato, a forma como este foi experienciado e como nos é contado. Da mesma forma que na literatura, na clínica também há uma carpintaria em execução.

Mas, se Márquez nos abre as portas para carpintaria da alma, Eliot nos abrirá as portas para outra experiência clínica. “As palavras do ano que vem”, que compõem o título da palestra foram retiradas de *Little Gidding*, último poema que compõe sua obra *Quatro Quartetos*. Diz o trecho do poema:

As palavras do ano passado, pertencem à linguagem do ano passado; e as palavras do próximo ano, esperam por outra voz.

A primeira vez que me impressionei com esse trecho eu estava preocupado, como de certa forma, ainda estou, com uma experiência comum à clínica, aquilo que os estudiosos sobre narrativa chamam de “naufrágio narrativo”, a incapacidade de narrar uma experiência vivida. É certo que é comum a clínica a presença de vivências de difícil relato. Analistas experimentam isso o tempo todo e processos de elaboração de uma experiência são matéria comum no trabalho psicoterapêutico. No entanto, falo aqui de certo extremo da experiência, pois a ideia do naufrágio narrativo nos coloca frente não somente a uma experiência de difícil narração, mas aquela cujos recursos disponíveis para isso parecem sumamente insuficientes.

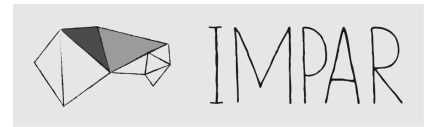


As palavras do ano que vem, as palavras que esperam outra voz, sempre me transmitiram a ideia de um novo mundo evocado pelo estranho da experiência, sempre me remeteram a essa experiência sobre a qual precisamos falar, embora aconteça de pouco ou nada conseguirmos. Da experiência transcendente do místico ao discurso amoroso, que nunca cessa de se dizer; da dificuldade narrativa da psicose à experiência do horror, todos já entramos em contato, mesmo que apenas teoricamente, como estas vivências do extremo. Não raro, experiências que se constituem em fonte de sofrimento, pois o não conseguir narrar anda de mãos dadas com a dificuldade da elaboração e da significação de uma experiência.

O encontro desse estranho da experiência abre espaço para contar outra história. Dessa vez, a partir da obra *Moby Dick*, de Herman Melville. O trecho é retirado de um capítulo chamado “A Capela”. Nele, Ismael, personagem do livro, encontra-se ainda na cidade de New Belford, antes de partir para o mar, e adentra à Capela dos Baleeiros, sempre visitada por aqueles que estão prestes a partir para a caça à baleia. O capelão ainda não havia chegado e as poucas pessoas presentes estavam sentadas em silêncio mirando lápides de mármore nos dois lados do púlpito. Eram lápides que não sinalizavam túmulos; estavam simplesmente colocadas na parede, lembrando aqueles que morreram no mar e cujos corpos não foram resgatados para serem devidamente enterrados. Ismael diz que ao olhar àquelas pessoas foi tomado da certeza de que ali se reuniam “corações incuráveis, para os quais a contemplação das lápides vazias fazia sangrar de novo as velhas feridas”.

Ainda no segmento dessa cena, Melville escreve uma passagem poderosa, marcada pela experiência solene de Ismael. Diz o texto:

Ó vós, cujos mortos estão sepultados sob a verde relva; que parando no meio das flores podeis dizer: aqui, aqui jaz o meu amado, vós não conheceis a desolação que se aninha em peitos como esses. Que amargos vazios naqueles mármore orlados de negro, que não cobrem cinzas! Que desespero naquelas inscrições inalteráveis.

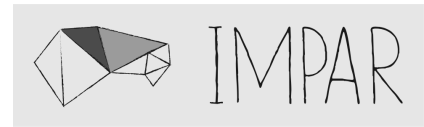


Melville nos confronta nessa melancólica passagem com a dor insone daqueles cujo sofrimento não possui um lugar, que não podem visitar um pequeno túmulo em uma encosta para honrar seus mortos, para aplacar angústias que nunca foram envolvidas em véus de luto. É amargor que não cessa e continua a vagar pelo passar dos anos como alma amaldiçoada que assombra nossas noites, como “corvo”, que volta sempre a bater em nossos umbrais.

A morte no mar, tornada imagem literária, lega àqueles que ficaram em terra uma espera perene, incapazes de dar a si próprios uns poucos palmos de chão no qual sua dor possa descansar, tornando-se uma metáfora de todo sofrimento que não encontra repouso, que não é devidamente elaborado e significado. No corpo que jaz sob a relva também descansa a dor daqueles que ficam. A ausência desse túmulo em torno do qual pratear torna-se também ausência de palavra com a qual dizer do nosso sofrimento.

Essa é, como disse, uma dor insone, que ainda espera, em sua estranheza, por uma voz que possa lhe dar expressão. Aquilo que surge nas páginas de Melville, apresenta-se, portanto, como metáfora da incapacidade de significação de nossa própria dor. Representa tudo aquilo em nossa experiência de vida que costumamos a pactuar, a introduzir em nossa narrativa autobiográfica. Essa pequena introdução literária busca lembrar que grande parte do sofrimento psíquico nasce não necessariamente da experiência em si, mas da incapacidade de a referenciar em nossa história, de dar-lhe alguma conexão ao espaço-tempo de nossa existência, de significá-la em nosso discurso.

Se pudéssemos, mesmo que de forma rudimentar definirmos as características de tais experiências poderíamos dizer que elas são caracterizadas por serem por demais rudimentares, no sentido de não entendermos o que estamos experimentando, por carecemos de recursos representativos e narrativos. Nos vemos diante de vivências que se tornam não narráveis pela impossibilidade do discurso dar conta deles ou



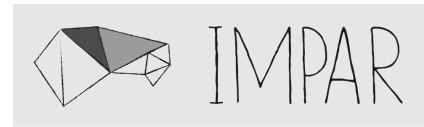
mesmo da perda da capacidade de falar sobre esta, o que nos dificulta transpô-los para nossa história de vida. Essa é a experiência do “desvio do canônico”, o desvio da narrativa usual que temos sobre nós mesmos ou mesmo o desvio da narrativa que nos é possível eliciar sobre nós mesmo em relação à cultura.

Aquilo que o sujeito pensava que ele próprio era, com relação ou não aos demais, é abalado por algum tipo de experiência, que não se encaixa na forma como esse sujeito narra a sua própria vida e como ele vê a si próprio. Essa é a experiência do estranho, do excepcional, do incomum, do não narrável.

Não raro, o contato com este tipo de experiência faz disparar o que se chama de “gatilho biográfico”, um retorno sobre a própria história em busca de entender as razões do próprio sofrimento e encontrar meios para encaixar essa experiência na narrativa de vida. O “gatilho biográfico” é de grande ajuda na busca de significar a experiência do estranho, mas, em alguns momentos pode não ser suficiente. Como nos lembra Eliot, “as palavras do ano passado pertencem ao não passado”. Elas podem nos dar uma pretensa base para buscarmos pactuar com o estranho, mas nos lembrarão sempre a certo vazio de palavras que pertencem justamente ao passado e lá devem permanecer.

Esse é o confronto que Arthur Frank, como aludido anteriormente, irá chamar de “naufrágio narrativo”, a desorganização provocada em minha narrativa biográfica por uma experiência do estranho. O senso de continuidade na minha história, que advém da integração dos eventos experienciados à nossa trama narrativa, encontra-se ameaçado, bem como a continuidade desta.

O contato com a estranheza é também porta para a angustiante sensação de incerteza. O que virá depois? De que recursos lançarei mão para recriar uma continuidade em minha história, para reorganizar minha história de vida? Como encontrarei a voz para pronunciar novas palavras frente às necessidades desse novo ano?



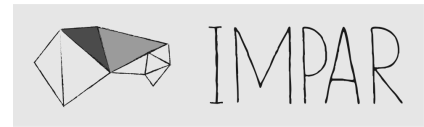
Para tentar um caminho para estas perguntas relembro aqui uma última história, também literária, mas, desta vez, biográfica.

Lembro da experiência de Jung, narrada em *Memórias, Sonhos, Reflexões*, durante o seu confronto com o inconsciente. Creio que as experiências de Jung, não somente daquele período logo após a cisão com Freud, mas também de outros momentos, caracterizadas por suas visões principalmente, podem ser tratadas como carregadas de estranheza. Todas representaram para Jung um árduo processo de pactuação e integração dentro de sua história de vida.

Observem este pequeno trecho como forma de consolidarmos o que já conversamos até aqui:

Os sonhos de então impressionavam-me muito, mas não me ajudavam a superar o sentimento de perplexidade que se apoderava de mim. Pelo contrário, eu vivia como que sob o domínio de uma pressão interna. Às vezes esta era tão forte que cheguei a supor que havia em mim alguma perturbação psíquica. Duas vezes passei em revista toda a minha vida em todos os seus pormenores, detendo-me particularmente nas lembranças da infância, pensando encontrar em meu passado alguma coisa que pudesse ser a causa de uma possível perturbação. Mas essa introspecção foi infrutífera e tive que confessar a mim mesmo minha ignorância. Pensei então: “Ignoro tudo a tal ponto que simplesmente farei o que me ocorrer”. Abandonei-me assim, conscientemente, ao impulso do inconsciente.

A partir daí Jung nos diz ter voltado à ele uma lembrança da infância, acompanhada de forte emoção. Desta feita, especificamente, refiro-me aqui aos momentos nos quais Jung, impulsionado por esta lembrança e crendo que, mesmo sem saber por que, a emoção lhe mostrava a importância daquela lembrança, se punha a brincar com pedras retiradas da margem do lago, remontando essa experiência infantil na qual brincava com blocos de construção. Retiro do trecho em questão estas pequenas passagens:



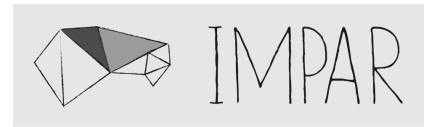
Esse momento marcou um ponto crucial no meu destino. Só me abandonei a tais brincadeiras depois de repulsões infinitas, com um sentimento de extrema resignação e experimentando a dolorosa humilhação de não poder fazer outra coisa senão brincar [...]

Naturalmente, eu cogitava acerca da significação de meus jogos e perguntava a mim mesmo: “Para falar a verdade, o que fazes? Constróis uma pequena colônia e o fazes como se fosse um rito”. Eu não sabia o que responder, mas tinha a íntima certeza de trilhar o caminho que levava ao meu mito [...]

Situações desse tipo repetiram-se em minha vida. Sempre que me sentia bloqueado, em períodos posteriores, eu pintava ou esculpia uma pedra: tratava-se sempre de um *rite d'entrée* que trazia pensamentos e trabalhos.

Ressalto desse trecho algumas palavras: abandono, humilhação, ‘não sabia’, bloqueado. Em todas elas expressa-se não somente os sentimentos de bloqueio, o sentimento de estar diante de uma situação interna na qual não sabemos mais para onde caminhar. É um ponto de mutação, no qual o caminho até então trilhado parece ter chegado ao fim. Nos sonhos as imagens nos contam dessa realidade: portas trancadas, voos ou viagens perdidas por atraso, becos sem saída, fins de estrada, etc. Aliada a este sentimento de bloqueio, de não saber o que virá ou de sentir-se de certa forma humilhado ou desorientado, segue uma necessidade que Jung aponta muito bem: o abandonar-se às potências da Alma. O abandonar-se ao jogo, à brincadeira, em sua cadência displicente, embora séria; ao tempo gasto sem objetivo concreto; à humilhação de não saber que caminho seguir ou simplesmente o que se está a fazer. Isso carrega um pouco o traço de um salto de fé, uma crença na Alma, naquilo que ela pode nos trazer.

Evoca, portanto, o resgate de uma ética do espanto. Pois quando o caminho usual, canônico, não nos é mais favorável, tem pouco a nos oferecer, há uma necessidade de nos lançarmos rumo ao improvável, de brincar, jogar, tecer; usar novas formas e materiais, compor, recompor, reavaliar, voltar a velhas histórias e contá-las de forma



diferente. O sofrimento pode advir de uma má ficção em torno da qual nossa história é contada; sofrimento como fruto da ausência de uma trama que signifique a vida do sujeito. Pois a narrativa — e é esse um grande fator transformador na clínica — é sempre menor do que a experiência. Nossa história pode ser sempre recontada; através de uma nova trama, ou mesmo, como querem Jung e Hillman, através de outra ficção arquetípica. Talvez, o que busquemos, ao nos defrontarmos com a estranheza da experiência seja um outro *mythos/mutos* em torno do qual narrar nossa história. Prestar adoração a outro deus, à outra potência arquetípica, ou mesmo mais de uma, para não sermos monoteístas. Poderíamos dizer que em cada um desses ritos de entrada evocamos a presença de Hermes, aquele fator criativo, como Hillman nos diz em *Ficções que Curam*, que faz com que as coisas troquem de lugar, que *insights* apareçam e que as tramas sejam ressignificadas, dando lugar a uma nova narração de si.

O trabalho clínico, a carpintaria da Alma, é, portanto, trabalho de criação e de abandono resignado, mais ativo, frente à estranheza e ao espanto provocado pela Alma, para que assim, frente à experiência da vida, possa surgir uma nova voz, para narrar, com novas palavras, um novo mundo.

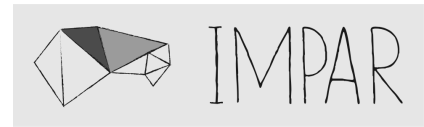
Referências

ELIOT, T. S. *Quatro quartetos*. Rio de Janeiro: Delta, 1966.

FRANK, A. *The Wounded Storyteller*. Body, illness and Ethics. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

HILLMAN, J. *Ficções que curam*. Psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler. São Paulo: Ed. Verus, 2010.

JUNG, C. G. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2006.



MARQUEZ, G. G. *Crônica de uma morte anunciada*. São Paulo: Ed. Record, 1981.

MELVILLE, H. *Moby Dick*. São Paulo: Ed. 34, 2019.

O **Impar** faz todos os esforços para garantir a exatidão das informações contidas nas publicações de nossa plataforma. No entanto, nós não damos nenhuma declaração nem garantia quanto à precisão, integridade ou adequação para quaisquer fins deste conteúdo. Todas as opiniões e pontos de vista expressos nesta publicação são de responsabilidade dos autores, não sendo os pontos de vista endossados pelo Impar, e portanto não somos responsáveis por quaisquer perdas, ações, reclamações, processos, demandas, custos, despesas, danos e outros passivos em relação a ou resultantes da utilização deste conteúdo. Este artigo pode ser utilizado para fins de pesquisa, ensino e uso privado. Qualquer reprodução substancial ou sistemática, redistribuição, revenda, sub-licenciamento ou a publicação em outro website é expressamente proibida.